



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ROGÉRIO MARCELINO DOS SANTOS MELO

**A LÍNGUA DA NAÇÃO: O DIALETO PAJUBÁ COMO FORMA DE DIVERSIDADE
LINGUÍSTICA**

**CAMPINA GRANDE
2016**

ROGÉRIO MARCELINO DOS SANTOS MELO

**A LÍNGUA DA NAÇÃO: O DIALETO PAJUBÁ COMO FORMA DE DIVERSIDADE
LINGUÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª Ms Larissa Moraes Pedrosa

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M528I Melo, Rogério Marcelino dos Santos

A língua da nação [manuscrito] : o dialeto Pajubá como forma de diversidade linguística / Rogério Marcelino dos Santos Melo. - 2016.

41 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Profa. Ma. Larissa Moraes Pedrosa, Departamento de Letras e Artes".

1. Dialeto Pajubá. 2. Sociolinguística. 3. Diversidade. 4. Variação linguística. I. Título.

21. ed. CDD 410

ROGÉRIO MARCELINO DOS SANTOS MELO

**A LÍNGUA DA NAÇÃO: O DIALETO PAJUBÁ COMO FORMA DE
DIVERSIDADE LINGUÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à banca examinadora do
Departamento de Letras e Artes da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito para a obtenção do título de
Licenciado em Letras.

Aprovado em: 20/10/2016.

BANCA EXAMINADORA

Larissa Moraes Pedrosa - 10,0
Profª Ms Larissa Moraes Pedrosa (UEPB)
Orientadora

Simone Dália de Gusmão Aranha - 10,0
Profª Drª Simone Dália de Gusmão Aranha (UEPB/PPGFP)
Examinadora

Tatiana Fernandes Sant'ana - 10,0
Profª Drª Tatiana Fernandes Sant'ana (UEPB)
Examinadora

Média: 10,0

Dedico este trabalho de conclusão de curso aos meus pais, Rosa e José Antônio, que em todos os momentos dessa caminhada, me deram apoio, compreensão, acreditaram no meu sonho e me ajudaram a vencer mais esta batalha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a todas as forças criadoras do universo, que me guiaram e me deram sabedoria para trilhar esse caminho;

Aos meus pais, Rosa e José Antônio, que acreditaram no meu sonho e sonharam junto comigo todos os dias dessa jornada. Eles foram condição sine qua nom para a conclusão dessa etapa de minha trajetória acadêmica. Sem eles eu não teria chegado sequer ao segundo dia de curso;

Aos meus amigos, que me deram apoio em todos os momentos dessa caminhada e acreditaram cegamente na minha capacidade;

Agradeço duplamente à professora Larissa Moraes Pedrosa. Primeiro por todo o apoio psicológico que me foi dado, desde a disciplina Pesquisa Aplicada, pela demonstração de humanidade, sempre compreendendo que o caminho é sinuoso e às vezes os nossos pés se cansam na caminhada. Segundo por ter abraçado a minha proposta, me dando total apoio acadêmico-científico com contribuições extremamente valiosas e demonstrações de empenho, respeito e compreensão;

Às professoras Simone Dália de Gusmão Aranha e Tatiana Fernandes Sant'ana, pela composição de minha banca examinadora e por serem professoras que me conduziram para a área de estudos a qual sou um grande apaixonado;

Ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba e todos os seus funcionários, que contribuíram com toda a dedicação possível para melhor atender às minhas demandas;

Aos meus colegas e amigos de turma, por todos os momentos juntos, pelas risadas, lágrimas, dificuldades vividas e, sobretudo, pela imensurável diversão. Foi um lindo caminho trilhado, com experiências que me deixarão marcas para toda a vida. Pena que esta etapa está chegando ao fim, mas isso tudo é só o começo de uma longa e brilhante jornada para todos nós!

Por fim, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a trajetória e conclusão de meu curso – que é a minha grande paixão e a realização de um sonho!

A todos, o meu Muito Obrigado!!!

“Entre coisas e palavras, principalmente entre
palavras, circulamos.”

Carlos Drummond de Andrade

A LÍNGUA DA NAÇÃO: O DIALETO PAJUBÁ COMO FORMA DE DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

Rogério Marcelino dos Santos Melo – UEPB

Larissa Moraes Pedrosa – UEPB (Orientadora)

RESUMO

Conceber uma língua natural como um sistema complexo de relações circunscrito na sociedade é se revestir de uma percepção calcada na heterogeneidade inerente ao contexto de produção do material linguístico e o contexto sociocultural envolvidos nesse sistema. Disso decorre que, toda e qualquer concepção erigida acerca de uma língua natural como um sistema deve levar em consideração todo o dinamismo envolvido nos polos língua e sociedade. Nesse viés, é matéria de responsabilidade da Sociolinguística investigar sistematicamente as complexas e dinâmicas relações estabelecidas entre língua e sociedade, e como estas podem gerar reflexos nos sujeitos falantes de determinada língua e numa dada sociedade. Nesse ponto de vista, língua e sociedade se correspondem diretamente uma com a outra porque se interligam num ponto em comum, que são os falantes. É nesta linha de raciocínio que este artigo se insere: o seu objetivo é delimitar a influência de um dialeto – conhecido como Pajubá ou Bajubá - falado por comunidades LGBTTs no Brasil, como manifestação da diversidade linguística. Para tanto, nos apoiamos numa pesquisa de abordagem qualitativa com natureza bibliográfica para fundamentar a nossa pesquisa. Além disso, buscamos bases teóricas em Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004 e 2014), Cezário e Votre (2011), Hora (2011), Luchesi (2004), entre outros, reconhecendo nesses teóricos um valioso material científico capaz de nortear de modo consistente o entendimento do elo entre a teoria e o material de análise.

Palavras-chave: Dialeto Pajubá; Sociolinguística; Diversidade; Variação Linguística.

1. PRIMEIRAS PALAVRAS

Erigir uma concepção de língua natural requer entender sistematicamente os diversos e complexos mecanismos que uma língua pode trazer em seu seio. Uma língua é, antes de mais nada, um sistema complexo de relações dinâmicas que se revestem de uma gama de problemáticas que convergem, inclusive, para a sua conceituação. Assim, nos estudos gerais sobre a língua, questiona-se de modo bastante veemente sobre o que é esse conceito.

Nesse campo de visão, percebemos que a necessidade de interação verbal vem desde os primórdios da existência e se estende nos mais diversos campos da sociedade. Por isso, é necessário compreender que uma língua é um sistema dinâmico, vivo e mutável inserido no cotidiano das sociedades ao longo da história. E por ser ela dinâmica e mutável, concebemos, por esse vértice, que uma língua está sempre sujeita a variações das mais diversas escalas. Ao reconhecer que a língua está inserida no cotidiano, estamos afirmando a relação direta estabelecida entre esses dois polos, fazendo com que a manifestação do material linguístico seja regida por um sistema de construções sociais, que acabam por buscar na própria língua a solução para a sua necessidade de interação verbal. É por esse motivo que entendemos que, a língua reflete diretamente os usos que os sujeitos falantes dessa sociedade desempenham.

Congregando neste raciocínio, entende-se que o usuário de uma língua manifesta a sua interação verbal num complexo esquema estabelecido entre ele, seu interlocutor e a língua da qual faz uso. Esse esquema, como dito, é complexo, porque se enlaça numa configuração de reflexos entre a língua e os sujeitos falantes; Dessa maneira, um sempre acaba por refletir o outro e, assim, se tece uma teia de relações estreitas e frutíferas entre língua, sociedade e sujeitos falantes, o que configura a indissociabilidade desses campos.

Ao tomarmos como base o estudo das relações entre língua e sociedade, admitimos a influência dos estudos da Sociolinguística como determinantes no entendimento dessas ligações. Esse ramo da Linguística se interessa exatamente pela língua em seu uso real, e estuda a interação entre a estrutura linguística em uso e as estruturas social e cultural circunscritas no ato da produção linguística, levando em consideração a heterogeneidade inerente a ambos os polos. Desse ponto de vista, a produção da estrutura linguística e as estruturas social e cultural são inerentemente heterogêneas. Vale ressaltar também que a Sociolinguística se interessa

primordialmente pelo estudo acerca dos mecanismos de variação que uma língua natural pode dispor, por conceber a heterogeneidade presente nos polos da língua e da sociedade.

É justamente nestes raciocínios que este artigo se insere: o seu objetivo geral é delimitar a influência de um dialeto falado por comunidades LGBTTs (sigla que denomina os sujeitos homoafetivos, biafetivos, heteroafetivos, transgêneros e transexuais) no Brasil como manifestação de diversidade linguística. Esse dialeto é conhecido como Pajubá e reúne vocábulos de matriz africana e brasileira. A escolha deste objeto de pesquisa se deu pelas inquietações que se construíam em torno da visibilidade de grupos LGBTTs, além das influências de seu dialeto na variação linguística, além da falta de estudos sobre tal dialeto. Essas inquietações convergiam para questões diversas que se voltaram para os objetivos específicos deste trabalho. Dentre as quais, podemos destacar:

- Relacionar o uso do Pajubá à afirmação de identidade de seus sujeitos falantes.
- Cartografar o(s) grupo(s) utiliza(m) esse dialeto;
- Investigar o contexto sociocultural envolvido no uso desse dialeto;

Para a obtenção mais clara das respostas de nossas indagações, e apostando nas contribuições de Oliveira (2007), elencamos uma metodologia Qualitativa de natureza bibliográfica como fomento para deste trabalho, por entendermos que este tipo de pesquisa traz para a cientificidade diversas manifestações circunscritas em âmbitos diversos, como as relações sociais, culturais e de produção linguística de grupos minoritários, por exemplo; O que traz à tona o reconhecimento científico de materiais de fala até então desconhecidos. E se tratando de produção linguística, o nosso *corpus* de análise conta como um levantamento dos vocábulos mais recorrentes do dialeto Pajubá seguidos de seu significado.

Para nortear o trabalho, apostamos nas contribuições teóricas de Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004 e 2014), Cezário e Votre (2011), Hora (2011), Luchesi (2004), entre outros, reconhecendo nesses teóricos um valioso material científico capaz de nortear de modo consistente o entendimento do elo entre a teoria e o material de análise.

Em relação ao panorama deste trabalho, ele encontra-se dividido em dois grandes tópicos; o primeiro deles está circunscrito nos olhares teóricos acerca da Sociolinguística, abordando o seu percurso histórico desde seu nascimento até os dias

atuais, além das contribuições mais sólidas que esses estudos trazem. O segundo tópico está ancorado na análise dos dados levantados que validam o Pajubá como um dialeto de acentuada influência na diversidade linguística, além de uma breve abordagem das concepções metodológicas abordadas na base de nossa análise.

2. VISÕES TEÓRICAS

Este tópico se dedica em abordar as principais bases teóricas da Sociolinguística variacionista que legitimam e realizam a ancoragem de nossa análise de corpus. Por isso, este ponto de nosso trabalho se divide em três subtópicos, os quais foram discriminados abaixo:

- O primeiro subtópico traz à tona as bases históricas da Sociolinguística variacionista, contemplando as relações entre as abordagens de cunho estrutural da língua (Estruturalismo Saussureano e Gerativismo) e as novas concepções de língua trazidas pelo nascimento da Sociolinguística;
- O segundo subtópico encena os conceitos basilares da ciência em questão, descrevendo os mecanismos de variação, além de seus fatores motivadores;
- O terceiro subtópico, por fim, reúne uma breve discussão acerca das concepções de gênero no raciocínio binário e na matriz construcionista;

Assim, por entender que se faz necessária a compreensão de alguns pilares da Sociolinguística, abaixo encontraremos as visões teóricas norteadoras deste escrito.

2.1 Conhecendo os caminhos da Sociolinguística: breve histórico

De um modo bastante direto, consoante Saussure (2006), podemos afirmar que a Linguística é a ciência que se ancora em torno dos fatos da língua, Para esse autor, toda e qualquer manifestação da língua, seja ela em povos civilizados, ou selvagens, arcaicos ou atuais, em ascensão ou decadência, é matéria de responsabilidade da Linguística. Dessa forma, deve-se levar em consideração todas as formas de manifestação de uma língua, não apenas as expressões de linguagem consideradas belas ou eruditas.

Para o linguista em questão, a tarefa dessa ciência consiste em:

- Fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e constituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família;
- Procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história;
- Delimitar-se e definir-se a si própria. (op. Cit., p. 13)

É nesse viés que Saussure faz nascer umas das mais notáveis escolas científicas do século XX, o Estruturalismo. À vista disso, é comum delegarmos a Saussure o título de “pai da linguística”, pois foi a partir do lançamento do *Curso de Linguística geral*, em 1916, obra que contempla as reflexões do autor acerca da descrição da linguagem, que a Linguística moderna passou a figurar fortemente no cenário da ciência.

O estruturalismo saussureano, como o próprio nome já denota, dedicou-se em descrever categoricamente a estrutura das línguas naturais, e contou em seu apoio teórico com dicotomias que explicavam parte dos fenômenos dessas línguas.

Interessa aqui dar realce à dicotomia que mais aproximava, por assim dizer, da manifestação linguística: a dicotomia *Langue x Parole*. Para Saussure a *Langue* era parte abstrata da língua: um sistema bem estruturado imposto ao falante, que o recebia de modo passivo. A *parole*, por sua vez, era a manifestação individual do sistema, e estava propensa a sofrer desvios.

Dando um salto na história, por volta dos anos 1950, mais precisamente em 1957, o cientista norteamericano Noam Chomsky traz à tona um poderoso maquinário teórico que prometia revolucionar os estudos em Língua(gem): o Gerativismo, ou Teoria Gerativa. Essa corrente teórica vem como uma crítica direta ao posicionamento behaviorista de Leonard Bloomfield, que postulava que a Língua(gem) era marcada pela repetição, ou seja, pelo estímulo e resposta. Para Chomsky, os seres humanos nascem como uma capacidade inata, chamada de Faculdade da Linguagem, que era uma espécie de matriz biológica de criação da Língua(gem) presente em todos os seres humanos e que era ativada em certo momento da vida. Tal como Saussure, Chomsky também fez postulados que marcaram a sua teoria linguística; a sua dicotomia mais célebre foi erigida como *Competência x Desempenho*, sendo a competência a capacidade inata de criação dos seres humanos, e o desempenho a manifestação individual dos elementos da Língua(gem). Nesse quesito, a competência dizia que era possível a criação de um número infinito de sentenças através de um número finito de regras. Observada por esse

ângulo, a competência era a matriz imposta ao falante e que era ativada em certo momento da vida.

Vale lembrar que Saussure e Chomsky, em diferentes épocas, deram destaque apenas à instância abstrata da língua, marginalizando, assim, toda e qualquer manifestação individual de uso desta. Visto por essa ótica, ambos os teóricos deixaram de dar realce a importantes questões que se arrolam em torno dos fatos da língua. Numa retomada à cronologia da Língua, no fim do século XIX e início do século XX, a Linguística moderna passa a se preocupar com as manifestações da língua falada, apesar de também se ocupar da produção escrita. (PETTER, 2011).

Avançando no tempo, em meados do século XX, nos estudos sobre a língua, as situações de uso real passam a receber atenção, e a observação da língua como um sistema em si passa a perder espaço para manifestações de uso real. Sob esse prisma, diversos pesquisadores passaram a reconhecer nas manifestações de uso real da língua uma possibilidade de rica investigação científica.

É a partir desse vértice que surge a Sociolinguística – área da Linguística embasada em estudar as relações entre língua e seu uso real no cotidiano social. De acordo com Cezário e Votre (2011), cabe à essa corrente de estudos estudar as relações entre a estrutura linguística e os aspectos culturais e sociais da produção linguística. Os autores afirmam ainda que a língua é uma instituição social e, “portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação”. (CEZÁRIO; VOTRE, 2011, p. 141)

Para Bortoni-Ricardo (2014), a Sociolinguística só se firmou como campo científico em 1960, mas antes desse período pensadores como Meillet e Bakhtin já realizavam trabalhos de natureza claramente sociolinguística, haja vista que reconheciam o contexto situacional em que a produção da fala era realizada. É por isso que, dadas as premissas desses autores, a necessidade de emergir uma ciência que levasse em consideração o contexto de produção do material linguístico era extremamente crucial. A esse respeito, Tarallo (2002, p. 7) afirma que em 1950 nasce o termo “Sociolinguística”, mas é em 1963 que a corrente em advento ganha força, a partir do estudo de Willian Labov sobre o inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard, nos EUA. Para o autor, “foi, portanto, Labov quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada”.

É reconhecidamente Labov quem, naquela época, trouxe uma nova roupagem para os estudos sobre a língua. Porém, além dele, merecem realce também os trabalhos de Gumperz e Dell Hymes, além da conferência *The Dimensions of Sociolinguistics*, de William Bright, que foi publicada sob o título de *Sociolinguistics* em 1966. Nessa conferência, Bright afirma que “o escopo da sociolinguística está na demonstração de que existe uma sistemática covariação entre a estrutura linguística e a estrutura social”. (CEZÁRIO; VOTRE, 2011. p. 146)

O princípio básico ao qual a sociolinguística se propôs foi o de observar a língua como um reflexo da estrutura social e cultural de uma comunidade de fala. Por isso, é oportuno assinalar que as relações que se estabelecem entre a língua e a sociedade, no campo da Linguística, parecem, mais do que nunca, assumir um verdadeiro entrelaçamento entre si. Baseamos a nossa afirmação a partir da concepção erigida sobre a sociedade como um fluxo heterogêneo constante e da língua como um sistema heterogêneo, sempre aberto à mudança.

Além disso, é de extrema importância reconhecer uma percepção de língua calcada na concepção de um sistema heterogêneo; essa contribuição dada pela sociolinguística se reveste de uma força bastante significativa, conforme conferimos a seguir:

[...] Constitui o momento crucial da ruptura epistemológica que a sociolinguística opera em relação ao modelo estruturalista. Ao integrar, na concepção de língua como sistema heterogêneo, estrutura e mudança, a sociolinguística busca construir uma representação teórica do fenômeno linguístico que articule as suas dimensões estrutural e histórica. (LUCCHESI, 2004, p. 198)

Na época em que essa ciência estava apenas engatinhando, por assim dizer, e que suas raízes ainda estavam por se firmar de fato, sua prioridade estava voltada para a descrição dos processos de variação e mudança inerentes às línguas naturais. Entretanto, a sua expansão se deu de modo tal que a sua preocupação passou a figurar também para outras dimensões da linguagem humana. Essa preocupação está posta na fala de Gumperz (1966 *apud* BORTONI-RICARDO, 2014):

Desde meados dos anos 1960, quando o termo sociolinguística apenas começava a ser aceito, essa disciplina vem ampliando seus objetivos iniciais de investigação, muito além da explicação dos processos de mudança e difusão linguísticos. Na atualidade, especialmente durante a última década, converteu-se em uma disciplina central, preocupada com todos os aspectos da comunicação verbal nas sociedades

humanas. Em particular, com as formas como a comunicação influi e reflete as relações de poder e dominação, com o papel que a linguagem joga na formação e perpetuação de instituições sociais, assim como, com a transmissão da cultura. (op. cit., p. 13)

É nessa premissa, de uma ciência propensa a avanços sistemáticos e frutíferos e na ideia de uma língua calcada na heterogeneidade, na mutabilidade e com seus mecanismos de variação refletidos diretamente em fatores de cunho social e cultural, que fundamentaremos a análise de *corpus*. A ideia de uma língua consolidada como uma concepção de sistema heterogêneo ratifica, com clareza, os mecanismos de variação, sempre em diálogo com as manifestações circunscritas no seio da sociedade que dela faz uso. É nesta linha de raciocínio que os próximos tópicos se embasarão.

2.2 Conceitos basilares da Sociolinguística: os fenômenos de variação

É sabido que Willian Labov é o pioneiro em termos de postulação dos compêndios teóricos que versam sobre os estudos acerca das relações estritas entre língua e sociedade como conhecemos nos dias atuais. Esses estudos, desenvolvidos pelo linguista em questão, são conhecidos na nomenclatura específica como Sociolinguística e, atualmente, figuram como um dos ramos da linguística mais ricos e importantes nos estudos em linguagem no Brasil.

A perspectiva sociolinguística desenvolvida por Labov é comumente chamada de “Sociolinguística Variacionista”, “Teoria da Variação” ou, ainda, “Sociolinguística Laboviana”. A esse respeito, Cezário e Votre (2011, p.142) afirmam que essa abordagem teórica “baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia a dia. Procura demonstrar como uma variante se implementa na língua ou desaparece.” Um dos maiores objetivos da Sociolinguística variacionista se corrobora a partir da noção de heterogeneidade constitutiva e da intrínseca relação entre língua e sociedade. Neste ângulo, Weinreich, Labov e Herzog (2006), apontam que estruturas linguísticas heterogêneas fazem parte da competência comunicativa do falante. Disso decorre que a heterogeneidade linguística não se manifesta como um caos, mas como uma propriedade inerente e sistemática das línguas naturais.

É importante salientar que, mesmo recebendo o título de teoria, a sociolinguística variacionista também pode ser conhecida como “Modelo teórico-metodológico”; Essa

explicação fica por conta de Tarallo (2002), que afirma que essa teoria linguística pode ser chamada de “Sociolinguística quantitativa”, porque opera com números e metodologias de natureza estatística para compreender os dados levantados, o que motivaria essa nomenclatura.

Refinando essas ponderações, Bortoni-Ricardo (2014) erige mais uma nomenclatura para essa teoria: Sociolinguística correlacional. Essa nomenclatura decorre da admissão do contexto social e da fala como duas estruturas distintas passíveis de correlação; essa correlação se dá por métodos estatísticos que procuram explicar os fenômenos heterogêneos do material de fala, considerando as manifestações não categóricas, ou seja, aquelas que sofrem variação de um enunciado para outro, de um falante para outro, ou até mesmo de um estilo para outro dentro do material linguístico de um mesmo falante. É nessa premissa que a Teoria da variação “ênfatiza a variabilidade e concebe a língua como um instrumento de comunicação usado por falantes da comunidade, num sistema de associações comumente aceito entre formas arbitrárias e seus significados.” (HORA, 2011, p. 99).

Labov (2008) atesta que os fenômenos de variação são naturalmente essenciais às línguas naturais. Assim, conceber uma língua sem fenômenos de variação seria uma utopia, ou seja, não seria a presença da variação linguística, no âmago de uma língua natural, o fato que mereceria explicação em termos científicos, mas sim a ausência de tal fenômeno variacionista.

Por isso, vale pontuar que a variação linguística é, como dito anteriormente, inerente e sistemática, presente em todas as línguas naturais. Também se faz válido mostrar que, dentro das concepções sociolinguísticas, os fenômenos de variação não ocorrem ao acaso: eles refletem uma motivação enlaçada numa gama de fatores que podem se desencadear em fatores linguísticos e extralinguísticos (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Ao traçarmos um panorama dessa natureza, estamos considerando e comungando – substancialmente – com as ideias de Cezário e Votre (2011), por concebermos, ao fim e ao cabo, a sistematicidade e regularidade da variação linguística. Isto posto, atestamos que o “aparente caos” da comunicação do dia a dia é, sobretudo, uma postulação ilusória em torno das concepções de língua.

É nesta linha de pensamento que Bagno (2007, p.40) aponta que um dos pressupostos mais essenciais dos estudos sociolinguísticos é o de que “a variação não é aleatória, fortuita, caótica – muito pelo contrário, ela é estruturada, organizada, condicionada por diversos fatores”. Pensar a língua, neste viés, é reconhecer um sistema

bem organizado, ordenado, complexo, suscetível a mudanças das mais diversas escalas; do mesmo modo que, conceber uma língua estável, homogênea e que não receba as influências dos falantes e do meio em que está circunscrita, seria paradoxal e impensável. Assim, entender a variação como um “problema” também seria, deveras, impensável. O problema, então, reside no fato de conceber a língua como um construto correto, bem acabado, e fixado em bases sólidas, depositado de modo ideal aos falantes de uma comunidade. Essa concepção de língua ideal, por seu turno, não leva em conta as manifestações diversas do sistema linguístico, de uma língua viva, dinâmica e refletida diretamente no âmbito social.

Em defesa da legitimidade da variação linguística, Bagno (2007, p.37) afirma, categoricamente, que:

[...] Não são as variedades linguísticas que constituem “desvios” ou “distorções” de uma língua homogênea e estável. Ao contrário: a construção de uma norma-padrão, de um modelo idealizado de língua, é o que representa um controle dos processos inerentes de variação e mudança, um refreamento artificial das forças que levam a língua a variar e mudar – exatamente como a construção de uma barragem, de uma represa, impede que as águas de um rio prossigam no caminho que vinham seguindo naturalmente nos últimos milhões de anos.

Dentre os muitos e importantes objetivos dos estudos Sociolinguísticos, o mais centralizado está em estabelecer a relação direta entre a heterogeneidade da manifestação linguística e a heterogeneidade do fluxo social. Ampliando esse ponto de vista, a ciência em questão enfatiza a correlação entre a diversidade do material linguístico na interação às diferenças de ordem social, geográfica e histórica, compreendendo, assim, os campos da linguagem e da sociedade como entidades bem estruturas e regulares, dois conjuntos distintos e relacionáveis, nos quais é da Sociolinguística a tarefa de encontrar a sua intersecção. É obvio que os autores citados até comungam das ideias de Labov (2008), porque consideram Língua e Sociedade como domínios passíveis de influência mútua e direta, reconhecendo, veementemente, a heterogeneidade linguística como um processo inerente e recorrente em qualquer comunidade de fala.

Os fenômenos de variação podem ocorrer em diferentes níveis da língua, dos quais podemos destacar os níveis da fonética e fonologia, sintaxe, morfologia, semântica, léxico, pragmática etc. Abordando essa temática, Bagno (2007) apresenta explicações e exemplos que elucidam cada um dos níveis supracitados. Dentre eles:

- Variação fonético-fonológica – Vislumbra os diferentes modos de pronunciar uma palavra.
Ex: Os quatro possíveis modos de pronunciar o R da palavra *PORTA* no Português brasileiro.
- Variação Morfológica – Palavras que expressam a mesma ideia, porém são constituídas por formas distintas.
Ex: Pegajoso e Peguento
- Variação sintática – sentenças organizadas de modo diferente, mas com sentidos iguais.
Ex: Uma história que ninguém prevê o final / uma história cujo final ninguém prevê.
- Variação semântica – Enxerga os diferentes sentidos de uma palavra, motivados pela origem do falante.
Ex: Vexame pode significar “vergonha” ou “pressa”, dependendo do lugar de origem do falante.
- Variação lexical – Contempla palavras diferentes que se referem à mesma coisa.
Ex: Mandioca (São Paulo) / Aipim (Rio de Janeiro) / Macaxeira (Nordeste em geral)
- Variação estilístico-pragmática – Comporta as variações de interação verbal de acordo com a situação social do material de fala.
Ex: Vamo sentano aí, galera! / Queiram se sentar, por favor.

Diante do exposto, afirmamos, mais uma vez, que é inconcebível tentar traçar um panorama atribuindo à língua um caráter de homogeneidade, de unicidade, de igualdade em todos os seus níveis de análise e de manifestação. De acordo com Bagno (2007, p. 47), considerando a concepção de heterogeneidade, a Sociolinguística confere às

diversas manifestações da língua um caráter de legitimidade e afirma que “**toda língua é um feixe de variedades**” (grifo do autor). Por isso, o estudo sistemático acerca da língua, dentro destes parâmetros, deve tomar como base os diferentes usos que se faz da língua, bem como as instâncias que legitimam e motivam, por assim dizer, as escolhas dos diversos agentes que compõem, cabalmente, uma comunidade de fala.

Dentro desses princípios, os trabalhos de Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2007) salientam algumas instâncias, dentre as muitas possíveis, que têm se mostrado determinantes no entendimento sobre os fenômenos de variação linguística e que podem motivar esses fenômenos. Dentre as quais, destacamos:

- Origem geográfica – Ocorre a variação de acordo com o lugar de origem do falante. Ou seja, fala-se de modo diferente em diferentes lugares.
- Grau de escolarização – falantes com níveis distintos de instrução tendem a variar o seu repertório linguístico. Essa instância revela as disparidades presentes no acesso à educação em nosso país.
- *Status* Socioeconômico – ocorre com falantes que contemplam níveis de renda diferentes: baixo, muito baixo, médio, alto etc. essa instância é determinante, considerando a grande gama de desigualdade de renda no Brasil.
- Idade – Fatores geracionais revelam a motivação dos usos linguísticos. Os jovens tendem a falar diferentes dos mais velhos. Essa instância revela a dinamicidade e a mutabilidade das línguas naturais.
- Sexo – Homens e mulheres tendem a falar de maneiras distintas, fazendo uso dos mais diversos recursos que a língua dispõe.
- Mercado de trabalho – as diferentes profissões existentes na sociedade e o vínculo de cada falante e sua profissão são motivam usos linguísticos diferentes. Assim, um professor falará de modo distinto de um assistente social, de uma enfermeira e assim por diante.

- Redes sociais – cada falante tende a falar e adotar comportamentos linguísticos semelhantes aos de seu grupo identitário ou de pertença, fazendo que cada um reconheça a seu grupo e si próprio no âmbito da interação verbal.

No vislumbre de cada uma das instâncias acima mencionadas, percebemos que há diversos modos de falar, o que implica vaticinar que todos esses modos são legítimos e complexos, atendendo às necessidades e identidades comunicacionais de cada sujeito falante. Os comportamentos linguísticos adotados por cada falante, ou ainda, por cada grupo de falantes é apreendido no convívio social, o qual corrobora outros fatores associados à variação linguística, que são fatores de natureza não apenas estrutural, mas também de natureza funcional. Assim, “podemos dizer que a variação linguística depende de fatores socioculturais e de fatores sociofuncionais. [...] então, na prática, os fatores estruturais se inter-relacionam com fatores funcionais na conformação dos repertórios sociolinguísticos do falante” (BORTONI-RICARDO, 2004. p. 49).

É óbvio o reconhecimento de fatores de natureza social e extralingüística que motivam a variação, porém é sempre necessário lembrarmos que é dentro dos mecanismos de uso linguístico que se encontra o seio do tecido variacionista. Ou seja, os fenômenos de que tratamos neste escrito são naturais e concernem intrinsecamente ao sistema da língua.

Alguns termos são empregados na abordagem dos diversos fenômenos de variação, o que auxilia na compreensão de cada um dos diferentes aspectos. Porquanto, podemos falar em variação diatópica, variação diastrática, variação diacrônica etc, terminologias defendidas por Coseriu (1980), que atesta que a partir desses aspectos variacionistas é que ocorre a diversidade linguística.

Dessa maneira, recorreremos à listagem de conceitos abaixo para, ao fim e ao cabo, compreendermos cada um dos aspectos envolvidos na variação:

- Variação diatópica – também é chamada de regional ou geolingüística. É o fenômeno de variação linguística existente nas diversas regiões de uma localidade onde determinada língua é falada.

- Variação diastrática – é a variação observada nos diferentes estratos sociais de uma população, nos quais se distinguem em níveis culturais, escolares etc.
- Variação diafásica – é a variação de monitoramento da linguagem que um indivíduo realiza dentro de um grupo o mais homogêneo possível, com níveis de escolaridade, idade, sexo, manifestações culturais e profissão dos falantes, semelhantes ou iguais.
- Variação diamésica – é a variação comportada nas diferentes modalidades de uma língua natural: oral e escrita.
- Variação diacrônica – é a variação que se corrobora de acordo com a passagem cronológica de um espaço geográfico, de um grupo social dado ou de uma época.

Do exposto até agora, em suma, fica claro – cabalmente – que toda e qualquer manifestação da linguagem, nos compêndios da (Socio)linguística, é considerada válida, legítima, complexa e rica, independente do lugar de fala, do grau de escolarização, da idade e de quaisquer outros aspectos inerentes ao falante que a utilize. Por isso, reconhecemos nessas manifestações um espaço rico e frutífero, passível de investigações enriquecedoras no fazer científico.

2.3 [Re]descobrimo a variação diastrática: os sujeitos constituintes da dimensão sexo/gênero em foco

Sabemos que, no panorama da Sociolinguística, a variação diastrática comporta as diferenças existentes nos estratos sociais de uma população dada. Esse aspecto da variação linguística vislumbra dimensões distintas que arrolam possíveis graus de análise.

Travaglia (2009) aponta, pelo menos, cinco dimensões distintas que comportam a variação diastrática. Essas dimensões estão discriminadas a seguir:

- Classe social – as diversas classes sociais existentes no seio da sociedade motivam essa dimensão. Por esse vértice, entende-se que cada classe

utiliza uma modulação de linguagem concernente à si, o que pode ser explicado pelos diferentes níveis de acesso à educação formal, manifestações culturais etc.

- Idade – os diversos níveis geracionais dos falantes moldam e modificam seu material de fala. Por isso, jovens e adultos falam de maneiras distintas.
- Geração – uma dada geração de falantes tende a falar diferente de outra dada geração. Isso se dá pelos diferentes níveis evolução cronológica da sociedade, motivados, por exemplo, pelo avanço constante da tecnologia digital.
- Função – funções sociais e profissões motivam essa dimensão. Líderes comunitários, médicos, faxineiros, vendedores, atendentes de *call center* tendem a falar de modos diversos.
- Sexo/gênero/identidade e condição sexual – Em alguns trabalhos, como os de Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2007), essa dimensão tende a ser considerada apenas em seu aspecto biológico como determinante para os fenômenos de variação a ela atribuídos. Dessa maneira, considerando tais trabalhos, homens e mulheres tenderiam a falar de modos diversos: mulheres usariam bastantes sufixos de diminutivos, enquanto homens tenderiam a falar palavrões e termos considerados de baixo calão¹.

Ao adotar uma perspectiva de gênero no traço de um panorama acerca da dimensão Sexo/gênero/identidade e condição sexual, é necessário entender que conceito de gênero é adotado nessa perspectiva. O gênero, concebido no ângulo teórico que adotamos para essa problematização, versa sobre construções sociais que se manifestam no decorrer da história e das diversas sociedades.

Para Goellner (2010, p.75):

Por gênero entende-se a **condição social** por meio da qual nos identificamos como masculinos e femininos. É diferente do sexo, termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa. O gênero, portanto, não é algo que está dado, mas é **construído social e culturalmente** e

¹ Adotamos, porém, a nomenclatura dessa dimensão citada acima, porque consideramos que, dentro dos atuais paradigmas científicos e das teorias de gênero, o sexo biológico – e por isso estrutural – não determina de modo estanque as manifestações de uso linguístico do sujeito falante. Essas ponderações estão melhor elucidadas nos parágrafos que seguem.

envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino. [...] Se estamos cientes de que o gênero é a construção social do sexo, precisamos considerar que aquilo que o corpo indica ser masculino ou feminino não existe naturalmente. Foi construído assim e por esse motivo não é, desde sempre, a mesma coisa. (grifos nossos)

O Gênero está diretamente relacionado com os corpos dos sujeitos, porém não quer dizer que ele, nessa perspectiva, seja a diferenciação biológica a qual estamos acostumados a conceber. Ele é uma construção social e histórica, o que foge às concepções biológicas que versam sobre os corpos dos sujeitos, determinando-os como homens e mulheres; essa concepção biológica recebe o nome de binarismo, porque considera o corpo como uma entidade estanque.

Pelúcio (2014) aponta duas premissas básicas que embasam as discussões sobre gênero. Elas são categorizadas como matrizes de natureza essencialista e construcionista. A matriz essencialista concebe o corpo e, por seu turno, o gênero como polos binários motivados pelo fato biológico. A matriz construcionista, por outro lado, considera os corpos e gêneros (no plural mesmo) como construções sociais e históricas demarcadas no âmago das sociedades de várias épocas. Cabe salientar que a matriz construcionista considera os corpos como construções porque entende que os corpos são plurais e funcionam (fisiológica e psicologicamente) de modos distintos, o que se corrobora com o pensamento de Goellner (2010). Disso decorre a concepção de gênero como uma pluralidade atrelada ao fluxo social.

Uma questão poderia ser levantada em relação à problematização exposta até o momento: o que as categorias e reflexões sobre gênero têm a ver com a variação diastrática, afinal?

Se elegêssemos uma categoria binária e biologizante para determinar a dimensão de sexo da variação diastrática, estaríamos desconsiderando a diversidade sexual e identitária existente na sociedade em geral, bem como as manifestações de rede social e identidade no uso efetivo da língua. Ao trabalhar categorias de gênero numa matriz construcionista, em diálogo com discussões sobre variação linguística, estamos considerando os usos linguísticos, mais do que nunca, como usos reais atrelados de modo direto aos falantes que da língua fazem uso.

É importante também ressaltar que, dentro dos princípios de gênero, entram em discussão as questões relativas à sexualidade. A esse respeito, Pelúcio (op. cit., p. 103 –

104) pontua formulações relacionadas às concepções de gênero que aqui trabalhamos, dentre as quais, destacamos:

- Pensar em gênero como elemento organizador das relações sociais, ao invés de operar com os termos “homem” e “mulher”, é ampliar para além do corpo, da anatomia e do biológico, as experiências femininas e masculinas;
- Gênero não é igual à orientação sexual (Preferimos adotar a expressão “condição sexual” por entender que as manifestações afetivas são naturais e não orientadas, como pode significar o termo “orientação”), mas são termos relacionados, o que leva muitas pessoas a associarem, com frequência, comportamentos de gênero (um menino mais delicado, uma menina que gosta de futebol, por exemplo) com homossexualidade.

Em outras palavras, levando em consideração gênero, sexualidades e sociolinguística, podemos destacar duas bases apresentadas por Cunha, Costa e Martelotta (2011), que fomentam o uso real da língua em situações de interação verbal, inclusive por grupos LGBTTs, que são o universo de estudo desta pesquisa. Essas bases são:

- Uma base sociocultural que atribui à linguagem humana os aspectos variáveis que ela apresenta no tempo e no espaço – A linguagem é essencial para a vida em sociedade e para subsidiar a maneira como interagimos com nossos semelhantes. Dessa maneira, cada grupo social adota comportamentos peculiares que se manifestam no seu falar. Desse modo a língua varia de acordo com as necessidades que os indivíduos têm de se identificar com seu grupo de pertença.
- Uma base comunicativa que fornece os dados que regulam a interação entre os falantes – no âmbito da comunicação em exercício cotidiano, a estrutura das línguas tende a revelar aspectos provenientes aos indivíduos que dela fazem uso. Desse modo, a criação de vocábulos que se entrelaçam nos grupos de falantes é matéria recorrente.

Diante do brevíssimo exposto, realçamos a importância de (re)conhecer os mais diversos grupos que interagem na/pela língua. É mais do que válido reconhecer nesses grupos um material enriquecedor de análise científica, porque, de dentro de seu fazer

linguístico, eclodem manifestações instigantes de uso efetivo da língua. O seu material de fala permite, indubitavelmente, erigir novas construções teóricas que permitem entender cada vez mais o fenômeno da variação.

É por isso, que dadas as ponderações acima, escolhemos para fins de análise, o dialeto falado por grupos LGBTTs diversos, em diversas regiões do país, em redes *online* e *off-line*, e faladas pelas mais diversas gerações. É por isso que, consideramos que a variação diastrática é – talvez – a mais cabal em termos de análise, porque dentro dela, de fato, residem as manifestações reais de língua e linguagem e é nessas manifestações que os sociolinguistas procuram, na verdade, as respostas para o entendimento das complexas relações entre língua e sociedade.

3. A NAÇÃO QUE FALA: CONFRONTANDO DADOS E TEORIA

Objetivando a compreensão sistemática acerca do objeto de pesquisa escolhido para o estudo em questão, discriminamos abaixo alguns pontos que servirão de norte para o procedimento analítico do *corpus*.

Dessa maneira, a análise está dividida em dois subtópicos, tendo a pretensão de elucidar e organizar mais sistematicamente o desenvolvimento desta. Então, temos o seguinte panorama:

- O primeiro subtópico contempla elementos que justificam a escolha de nosso tema, de nosso objeto (defendendo também sua relevância) e a metodologia adotada em nossa pesquisa;
- O segundo subtópico, por sua vez, vislumbra os dados que encenam as principais características linguísticas do dialeto elencado para análise, Além de conter elementos de natureza analítica que corroboram o objeto em questão como um dialeto fomentador da variação linguística.

Considerando o exposto, procedamos à análise de corpus proposta por este escrito.

3.1 Conhecendo o objeto de pesquisa: justificativa, escolha da temática abordada e metodologia adotada

O dialeto Pajubá é um dialeto cujas origens não são bem delimitadas. De acordo com Lau (2015), esse dialeto reúne palavras ou vocábulos de matriz africana

(principalmente do Iorubá), indígena (tupi-guarani) e brasileira. É falado por grupos e/ou comunidades LGBTTs em todo o Brasil e, nos últimos anos, com o avanço da tecnologia digital, vem ganhando força de expressão, sendo falado até mesmo por pessoas que não são homoafetivas. Essa força de expressão é corroborada pelo vasto alcance da tecnologia digital devido aos incontáveis sites que contêm redes sociais, além dos aplicativos de telecomunicação instantânea. Esses aplicativos e sites também podem hospedar grupos temáticos que se inserem em contextos determinados. Em termos de aplicativos de mensagens, os grupos podem conter até 256 membros se comunicando em tempo real; no caso dos sites, contabilizar o número de membros se torna uma tarefa quase impossível, pois neles não há limites para a admissão de novos integrantes. É por isso que, consideradas essas colocações, a rede de alcance do Pajubá pode estabelecer-se em termos avassaladores, pois a partir da junção de falantes de todas as partes do país, as fronteiras que se remetem a esse dialeto parecem não existir.

Como dito, a área de alcance deste dialeto tem polos em todo o país, podendo compreender do extremo sul do Brasil ao extremo norte, por exemplo. O que se sabe ao certo, é que a maior concentração de falantes do Pajubá se concentra nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, ambos da Região sudeste do país, além de uma grande frequência de uso na cidade de Salvador – BA, localizada na região nordeste. A princípio, era falado apenas por *Drag Queens*, artistas que se fantasiam de mulher abusando da maquiagem e dos adereços, e que geralmente trabalham em casas noturnas ou festas particulares, além de travestis, de acordo com Keyla Simppson, presidente da Associação dos Travestis de Salvador². Mas o Pajubá não se restringiu apenas às *Drag Queens*: a sua força de expressão foi tamanha que, como dissemos anteriormente, alcançou todo o território nacional, motivando grupos LGBTTS em suas lutas diária pela aceitação, visibilidade e, sobretudo, em sua identidade.

O motivo da escolha deste objeto de pesquisa para nosso trabalho foi justamente a quebra de zonas fronteiriças da língua(gem) que o Pajubá promoveu, se manifestando em todos os âmbitos sociais e geográficos, fato que outros dialetos (de maior prestígio social e mais conhecidos) não conseguiram, além das inquietações geradas ao longo de certo tempo de estudo acerca dos fenômenos de diversidade e variação linguística. Dessa forma, ao eleger o objeto em questão, pretendemos entender que influências o Pajubá exerce nas manifestações e nos fenômenos da diversidade linguística em um país

² Informação extraída do site Lupa, mantido pela Universidade federal da Bahia.

onde se falam tantas variedades de uma mesma língua, o português. Pretendemos, também, compreender de modo sistemático como os falantes de determinada variedade fazem uso dela para se inserir nos mais diversos contextos de produção, afirmando, assim, a sua identidade. Ora, se toda e qualquer variedade da língua contribui efetivamente para o processo da variação, por que não estudar um dialeto que, até então, não tinha tanto realce quanto os dialetos mais conhecidos em nosso país?

Foi com essa ideia em mente, que adotamos uma metodologia que versa sobre uma pesquisa Qualitativa, com natureza documental, porque, como já mencionamos, esse tipo de pesquisa busca responder questões de natureza muito peculiar, considerando os vários aspectos de que um objeto pode dispor. Assim, ao elencar uma pesquisa desse caráter, pretendemos apreender de maneira bastante clara e – se possível – objetiva todas as questões que se arrolaram em relação ao nosso corpus, entendimento que não seria possível se adotássemos uma pesquisa quantitativa de natureza experimental, por exemplo. Isso porque o fenômeno variacionista de uma língua natural é tão vasto, que não pode ser inserido em análises numéricas propriamente ditas.

Dessa maneira, é na busca pela compreensão e pelo alcance dos objetivos traçados para este estudo, que procederemos à análise do objeto em questão nos parágrafos que seguem. Essa análise está apoiada nas visões teóricas erigidas nos tópicos anteriores.

3.2 Que dialeto é esse: conhecendo as características (socio)linguísticas do Pajubá

Para melhor compreensão das colocações acerca do Pajubá, apresentamos a seguir alguns quadros com os vocábulos e expressões mais recorrentes do dialeto. Vejamos:

Quadro 1: Os principais vocábulos do Pajubá, contemplando substantivos.

Vocábulo (substantivos)	Equivalência ³
Alibam	Policia
Amapô	Mulher
Amigue	Amigo ou amiga
Aqué	Dinheiro
Banzé	Briga
Barbie	Homem com corpo excessivamente definido
Bofe	Homem desejável

³ Utilizamos essa nomenclatura para referirmo-nos à palavra, grosso modo, “tradução”

Cafuçú	Homem muito másculo, com traços, por vezes, grosseiros
Caminhoneira	Lésbica masculinizada
Causa	Reconhecimento identitário
Cona	Homoafetivo masculino idoso
Desfeita	Muito cansado(a)
Entendido (a)	Alguém com comportamentos homoafetivos, mas que não se considera homoafetivo(a)
Fruto	Homoafetivo(a) jovem
Irmandade	Grupos específicos de homoafetivos (as)
Jeba	Pênis avantajado
Maricona	Primitivo de “cona”
Nação	Todos os (as) homoafetivos de um país
Neca	Pênis
Ocó	Homem
Oxó	Preservativo masculino
Picumã	Cabelo
Pirelli	Bumbum ou nádegas
Pretérita	Surpreso(a)
Racha	Mulher desejável
Sapatilha	Lésbica mantenedora de traços femininos
Sirica	Masturbação
Truque	Dar um jeito
Urso	Homem peludo
Xeca	Vagina

Fonte: GLOSSÁRIO. [http:// www.youtube.com.br](http://www.youtube.com.br). Acesso em 21 mar 2016

Tratando dos substantivos encontrados na amostra, percebemos que essa classe de palavras parece dominar, por assim dizer, o vocabulário desse dialeto, figurando como uma das presenças mais constantes em relação ao uso por parte dos sujeitos falantes. Assim, termos como “Amapô” (mulher) são empregados com acentuada frequência pelos falantes. É importante ressaltar que essa frequência de uso é ratificada principalmente nos sites de redes sociais, além de vídeos encontrados no site de compartilhamento de vídeos “Youtube. “Amiguel”, “racha”, “bofe” e “aquê” também são recorrentes em situações de fala do Pajubá.

Quadro 2: Os principais termos do Pajubá categorizados como verbos e/ou locuções

Vocábulo (verbos e locuções)	Equivalência
------------------------------	--------------

Aguendar – Desaguendar	Estressar – desestressar
Aquendar	Esconder
Dar a Elza	Roubar
Fazer a egípcia	Parecer estar “por cima”, não estar “nem aí”
fazer a fina	Ser elegante
fazer a rica	Ostentar bens
Fazer (um bofe ou uma racha)	Transar
Montar	Se vestir e se maquiar

Fonte: Arquivos próprios⁴

Tratando dos verbos e locuções, verificamos que os maiores usos dessa classe, em situações de uso real, são dos termos “Montar” e “fazer a rica”, significando “se vestir” ou “se maquiar”, e “ostentar”, respectivamente. Em relação a esses usos, constatamos também que as manifestações verbais através desse dialeto obedecem às mesmas construções dos dialetos mais conhecidos, tendo conjugações, tempos, modos etc.

Quadro 3: Os principais vocábulos do Pajubá que contemplam adjetivos

Vocábulo (adjetivos)	Equivalência
Convicto(a)	Homoafetivo assumindo e bem resolvido
Complexada	Homoafetivo assumido (ou não) e mal resolvido
Gongado(a)	Desarrumado, “zoadó”
Mafioso(a)	Alguém bom no que faz

Fonte: Leonora Áquila. [http:// www.facebook.com/leonoraaquila](http://www.facebook.com/leonoraaquila). Acesso em 21 mar 2016

Os adjetivos também são uma manifestação interessante dos falantes de Pajubá. É válido pontuar que, dentro dos parâmetros do nosso objeto, os adjetivos recebem campos semânticos diversos, além de recategorização gramatical. Leia-se: “Mafiosa”, como conhecemos pela tradição, é um substantivo derivado que denota semanticamente um agente de um grupo criminoso. E se denota crime, logo concebemos aspectos negativos em relação à semântica da palavra. Mas percebam que, nos aspectos concernentes ao Pajubá, a palavra muda de classe gramatical e muda, também, a sua semântica, sendo destinada a pessoas que exercem alguma coisa com eficiência e destaque. Diante disso, mafiosa é uma pessoa boa no que faz.

⁴ A aquisição desses arquivos se deu através de conversas informais, realizadas em redes sociais ao longo de 2015.

Quadro 4: Os pronomes falados no Pajubá

Vocábulo (Pronomes)	Equivalência e emprego
Senhora	Empregado tanto para homens como para mulheres

Fonte: Arquivos próprios⁵

Os pronomes, como observado, restringem-se muito ao uso de “senhora” tanto para homens como para mulheres. É óbvio que outros pronomes são utilizados, mas a recorrência de “senhora” é mais frequente.

Quadro 5: As saudações mais comuns utilizadas pelos falantes de Pajubá

Vocábulo (Saudações)	Equivalência
Iiinnnnnnnhnaíííí	Significa “Oi”, “Olá”

Fonte: GLOSSário. <http://www.youtube.com.br>. Acesso em 21 mar 2016

As saudações (ou a saudação) mais usadas no Pajubá também configuram uma manifestação bastante interessante em situações de interação verbal; imaginemos um encontro de suas pessoas no meio de uma rua superlotada, com pessoas transitando apressadamente, acostumadas com a correria de uma cidade grande e, de repente, ouve-se “Iiinnnnnnnhnaíííí”. Seria icônico, não? Mas essa não seria uma situação tão estranha para os usuários do dialeto de que estamos tratando porque é a maneira mais comum de se saudar uma pessoa, com o prolongamento da articulação dos fonemas vocálicos, o que sugere um maior entusiasmo na fala desses usuários da língua. A observação desse dialeto em questão revela que suas particularidades não se definem apenas pela utilização de gírias ou de substituições semânticas para algumas palavras, mas também pela entonação que os falantes empregam⁶.

Antes de procedermos às considerações acerca dos quadros acima, cabe aqui fazer algumas ressalvas as quais um leitor, com certo conhecimento sobre Variação Linguística, faria de pronto. Utilizamos a nomenclatura “Dialeto” para nos referirmos

⁵ A aquisição desses arquivos se deu através de conversas informais, realizadas em redes sociais ao longo de 2015.

⁶ O foco de nossa pesquisa não foi o de realizar um estudo acerca das entonações utilizadas no dialeto Pajubá. Essa informação foi adicionada para fins de ilustração, o que não impede que, em pesquisas posteriores, a entonação nos usos linguísticos dos falantes de Pajubá, seja objeto de estudo.

ao nosso objeto de estudo, mas sabemos que o Dialeto representa uma variedade sociolinguística marcada pela determinação de cunho geográfico ou regional. Do mesmo modo, Socioleto é a classificação dada às variedades marcadas pelo cunho social, e Idioleto a classificação das variedades de cunho pessoal ou estilístico. Esse vislumbre é proposto por Bagno (2007).

Então, cabe a reflexão: por que utilizar uma classificação de variedade sociolinguística dada às manifestações de natureza geográfica para elaborar colocações acerca de uma variedade de fórum Sociocultural? A resposta para tal questionamento encontra-se no âmago de algumas das várias questões abordadas pela Sociolinguística. A propósito, podemos encontrá-la, de modo implícito, em Bagno (2013). É necessário compreender que não se pode tratar o fenômeno da variação com afirmações estanques, dando uma espécie de compartimento para cada tipo de manifestação. Ora, se determinada manifestação de variação se estabelece de maneira extraregional, extrasocial, e extrapessoal, como é o caso do Pajubá, não podemos delimitá-la e comportamentalizá-la com nomenclaturas fixas, encerradas em bases sólidas. É importante realçar que, no envelope da variação em diálogo com o nosso objeto de estudo, qualquer tentativa de delimitação ou nomeação específica seria falha, porque o Pajubá é falado por pessoas homoafetivas (e até hetero) de todas as idades, estratos sociais, localizações geográficas, funções sociais e tantos outros modelos de falantes inseridos na grande comunidade de fala chamada Brasil.

É importante ressaltar que, consideradas as concepções de linguagem, qualquer modelo concebível dentro de moldes fixos, seria utopia, e tentar nomear automaticamente as manifestações desta seria impossível. É por isso que optamos pela nomenclatura “dialeto”, por esta ser mais conhecida no âmbito da Sociolinguística, inclusive por leitores iniciantes.

Retomando à questão dos quadros apresentados acima, podemos perceber que o dialeto Pajubá é bem organizado e sistemático em relação aos diversos níveis de análise linguística. A nossa pesquisa revelou que há a presença de substantivos, adjetivos, verbos e locuções, pronomes, dentre outras categorias que preferimos não exemplificar por questões espaço.

Com o propósito de ilustrar nossa descrição, imaginemos, a esse respeito, um diálogo com uma grande professora de Sociolinguística responsável por avanços significativos nessa área de estudos. Consideremos, ainda, que um dos interlocutores

dessa situação de interação verbal seja um(a) falante de Pajubá e que estaria elogiando a professora mencionada sobre sua atuação no campo da Sociolinguística. Ter-se-ia:

(1) Amapô, a senhora é mafiosa na Sociolinguística, viu?! Que arraso!

Essa é uma situação fictícia, como dissemos acima; entretanto, não seria impossível o uso das palavras demonstradas na frase. Isso se deve pelo uso constante e inconsciente dos termos do Pajubá por parte de seus falantes. Esse uso já se encontra atrelado substancialmente no cotidiano desses falantes, tal como expressões de natureza geolinguística como “Oxente” também se encontram em falares nordestinos, por exemplo.

É interessante perceber que em vários dialetos, socioletos e idioletos, os seus falantes tendem a se cumprimentar de modo semelhante. Isso se deve ao fato da incorporação quase inconsciente desses falares no dia a dia de cada um, o que torna a comunicação um ato de relações estritas entre pessoas e a sociedade em geral.

Concebendo o Pajubá como um dialeto cujo funcionamento dialoga com diversos fenômenos da diversidade linguística, podemos afirmar, a partir da observação do vídeo “GLOSSÁRIO” (disponível no site de compartilhamento de vídeos Youtube), um fenômeno apresentando por Bagno (1999) em “A língua de Eulália”. Esse fenômeno seria a Redução de marcas de plural redundantes, que já é bastante perceptível nas diversas variedades do português falado, não apenas no Português Não-padrão, mas também no Português “padrão”. Sabemos que essa redução consiste no apagamento de marcas de plural ao longo da sentença, tendo apenas uma das partes a marca de plural conservada. Para melhor compreensão do leitor, temos a seguir a seguinte sentença extraída do vídeo “GLOSSÁRIO”:

(2) Amapô, as amigue(ø) tá(ø) toda(ø) reunida(ø) lá na casa do bofé. Vamo? ⁷

Do exposto acima, percebemos o funcionamento bem estruturado do dialeto, pois ao retirar marcas de plural que seriam redundantes numa sentença, um falante está estabelecendo sua língua(gem) de modo bastante vivo e dinâmico, reconhecendo um funcionamento menos estático desta.

⁷ O símbolo ø representa a eliminação das marcas de plural redundantes na sentença.

Em relação aos fatores que motivam a variação linguística, defendidos por Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2004), verificamos, como afirmamos anteriormente, que alguns deles não se entrelaçam nas manifestações do Pajubá. Isso porque:

- As origens geográficas de falantes de Pajubá podem ser as mais diversas, sendo contemplados falantes de nordeste, norte, sul, sudeste e centro-oeste. Isso se corrobora através das redes sociais *online* (sites) muito fortes aqui no Brasil;
- As profissões ou mercado de trabalho desses falantes também variam bastante: *Drag queens*, professores(as), advogados, maquiadores(as), desempregados em geral. Todos esses profissionais podem fazer uso desse dialeto;
- A idade dos falantes também não interfere nem determina as fronteiras do dialeto em questão;

Dentro desse panorama, gostaríamos de ressaltar, separadamente, dois aspectos motivadores da variação, a saber, o sexo/gênero/identidade e condição (que também é uma dimensão da variação diastrática) e a rede social, problematizando – dentro do possível – esses aspectos e suas manifestações motivacionais dentro do envelope da variação. O termo Rede Social aqui erigido se diferencia de Sites com Redes Sociais, porque o primeiro versa sobre as manifestações sociolinguísticas e identitárias dos falantes, ao passo que o segundo se reveste da significação do meio social. Por isso, as nossas colocações as redes sociais digitais são antecedidas pelo seu local de hospedagem, ou seja, a internet. Para tanto, nos utilizamos dos pontos a seguir:

- Sexo/gênero/identidade e condição sexual – dentro do envelope a variação, reconhecendo-se na variação diastrática, esse aspecto motivacional, nas abordagens feitas anteriormente por alguns autores, vislumbra a variação como um fenômeno advindo do sexo ou do gênero de cada falante. Entretanto, é válido pontuar, buscando as contribuições de Goellner (2010) e Pelúcio (2014), que esse aspecto parece não comportar as manifestações de uso do Pajubá.
- Rede social – esse aspecto também encontra-se elencado em Bortoni-Ricardo: “Uma rede social é concebida como um conjunto de vínculos de qualquer tipo que se estabelecem entre as pessoas de um grupo” (2014, p.

130). Esse conceito estabelece, dessa forma, a rede – ou as redes – de falantes de Pajubá como um grande grupo formado por sujeitos diversos. Essa rede, então, é de grande alcance.

Optamos por elencar esses dois pontos separadamente porque eles encerram algumas questões que se levantam em relação aos falantes de Pajubá. Dentro dos paradigmas de gênero, trabalhados na fundamentação teórica deste trabalho, buscamos erigir conceitos e discussões que fugissem à tradição de sua concepção. Nós o fizemos, porque concebemos essa instância como uma construção social velada historicamente. Conceber o gênero, pois, é conceber não mais uma estrutura corporal binária, mas sim uma estrutura construída no âmago social e histórico. Ora, se configuramos essa postulação em torno dos gêneros (sim, no plural), então devemos levar em consideração que, dentro dos parâmetros de nosso objeto de pesquisa, essa concepção de gêneros é bastante válida. Afirmamos isso categoricamente, e o fazemos porque, conhecendo o Pajubá como a fala de grupos LGBTTs, não podemos naturalizar as identidades de cada falante no que versa sobre a sua identidade sexual. Disso decorre que, ao fim e ao cabo, o sexo não determina, de maneira alguma, os usos que os falantes fazem de seu dialeto. Esses usos são motivados pela sua identidade, tanto sexual como pessoal. É por isso, que dentro desses parâmetros, tentar categorizar o dialeto em questão como dialeto única e exclusivamente para homoafetivos ou biafetivos, para *drag queens* ou travestis, seria uma tentativa, deveras, falha.

Conduzimos nossa discussão inserida à essa afirmação porque as categorias de gênero não obedecem, de fato, uma construção detalhada e objetiva em relação às suas manifestações de identidade, fazendo com que tentativas de nomeação ou definição sobre cada reconhecimento individual seja, como já afirmamos, falha; e por que essa tentativa seria falha? Pelo simples fato de que a condição sexual também não consegue determinar a identidade de gênero de um sujeito.

Diante disso, temos, em síntese, três instâncias básicas que fomentam os estudos acerca de gênero e sexualidades: I) o sexo é de natureza biológica, por isso, estrutural. Dessa maneira, temos os sujeitos do **sexo** (grifos nossos) masculino e feminino. II) A condição sexual, por sua vez, é de natureza afetiva e, por isso, não determinista. Assim, a sociedade é composta por homens que sentem amor/desejo por homens, mulheres que sentem amor por mulheres, homens que sentem amor por mulheres e vice-versa, do mesmo modo que temos homens que sentem amor/desejo por e por mulheres e vice-

versa. III) Por fim, temos a identidade de gênero, que é de natureza subjetiva, o que implica dizer que cada sujeito manifesta a sua identidade, ou a sua concepção de ser homem ou mulher de modos diferentes. Assim, temos homens que se concebem subjetivamente como mulheres, adotando seus trejeitos e subjetividades e mulheres que se concebem como homens. Vale lembrar que ser homoafetivo ou heteroafetivo não implica dizer que a sua identidade de gênero seja determinada pela sua sexualidade, ou seja, nem todo homoafetivo se identifica subjetivamente como sendo do sexo oposto e nem todo hétero se identifica subjetivamente como sendo do mesmo sexo.

É por isso que falar Pajubá é um grito de libertação, um ato de autoafirmação dentro dos princípios de gênero, trazendo para a luz a sua identidade como pessoa.

As redes sociais, em seu turno, se interrelacionam diretamente com a concepção de gênero adotada neste escrito. Ao conceber uma rede social, em âmbitos sociolinguísticos, de falantes de Pajubá, estamos configurando uma gama de vínculos de natureza identitária que se estabelece entre esses falantes. É claro que essa rede – ou essas redes – não se localiza apenas em caráter local, mas se mostra bastante abrangente para todos os sujeitos “Pajubeiros”. Identidade, enfim, é a palavra que mais define esse dialeto e seus sujeitos; falamos em identidade porque os falantes do Pajubá adquirem suas identidades multifacetadas a partir do (re)conhecimento de sua língua(gem). É por isso que há também as redes sociais *online*, que contemplam, assim, todos os falantes desse dialeto. Essas redes podem ser encontradas tanto em sites, quanto em aplicativos de telecomunicação instantânea. A importância de conceber essas redes é tamanha, porque ao conhecer e reconhecer esse tipo de manifestação do fenômeno variacionista, estamos dando visibilidade àqueles que, de uma forma ou de outra, pela violência simbólica ou física, são comumente silenciados dentro de uma sociedade tradicionalista e fundamentalista. Sejam grupos LGBTTs, sejam nordestinos, sulistas, nortistas ou quaisquer grupos de falantes, o reconhecimento de seu falar, dentro de suas redes, como uma manifestação identitária e rica, possibilita a aberturar de novos caminhos para os estudos sobre a Língua(gem).

Em termos simplistas, podemos afirmar que a Sociolinguística é o ramo da ciência da linguagem que estuda as relações entre língua e sociedade. Uma afirmação deste cunho é, de fato, simplista, como defende Camacho (2007). Ao fazer uma ponderação de natureza simples e direta, estamos delegando à Sociolinguística um espaço de atuação lato, por vezes até reduzido.

Neste ponto deste trabalho, estamos nos dedicando a reflexões que possam corroborar as influências de nosso objeto dentro do sistema variacionista da língua portuguesa; é por isso que, nesses paradigmas, cabe a nós uma melhor abordagem das relações entre língua e sociedade, fazendo com que a área de atuação de nossa ciência Sociolinguística seja reconhecida como, de fato, merece.

Ao apostar na ciência que mencionamos acima, temos a pretensão de entender mais intrinsecamente como os sujeitos falantes fazem uso de sua língua(gem) se relacionando diretamente com uma conjuntura social dada, e com manifestações culturais distintas e diversas. É por isso que, nesse ângulo de raciocínio em termos de língua(gem), apostamos nos sujeitos falantes como sujeitos ativos no seu falar e, influenciados pelo meio sociocultural, participantes diretos nos mecanismos que fomentam a variação linguística no português.

Ao longo deste subtópico, mostramos as características mais salientes do ~~diaeto~~ Pajubá e quais são os sujeitos usuários desse dialeto; além disso, fizemos uma brevíssima problematização acerca da nomenclatura que o falar de grupos LGBTTs encena nas variedades linguísticas. Ora, se a variação linguística é, numa afirmação também simplista, a representação e concretização linguística de diversos modos de falar motivados por fatores socioculturais, então, de fato, temos o Pajubá como um dialeto reconhecidamente agente dessa variação.

É por isso que os falantes desse dialeto se originam dos mais diversos contextos socioculturais e regionais, como já mencionamos anteriormente. Assim, os fatores que regem os usos linguísticos do Pajubá buscam na heterogeneidade social e cultural dos falantes, inseridos em redes sociais *online* e *off-line*, as motivações desses usos.

Substancialmente, podemos perceber as relações mais do que estritas em termos de língua e sociedade, porque dentro dos paradigmas sociolinguísticos, os encadeamentos que se estabelecem entre o Pajubá a heterogeneidade do fluxo social são, de maneira direta, intrinsecamente complexos. Para entender que tipo de vínculos são estabelecidos entre a língua e o fluxo social, temos que, antes de tudo, reconhecer que esse fluxo social se insere em diversas camadas, e não estamos falando apenas de camadas sociais – diferenciando ricos e pobres –, estamos aqui mencionando camadas de ordem analítica dentro desse fluxo constante que é a sociedade. É importante perceber que, independente do envelope de variação que adotarmos, temos que levar em consideração os níveis de análise que vamos trabalhar. É por isso que uma pesquisa de basenatureza sociolinguística requer certos recortes em relação aos objetos de análise,

porque entender as afinidades entre língua e sociedade, numa proposta de trabalho lata, seria transitar por uma gama de situações de uso sem convergir para uma apreensão mais clara e objetiva sobre a produção linguística .

Se levarmos em consideração o fator Língua, teremos que perceber os diversos níveis de análise linguística (morfologia, sintaxe, semântica etc), do mesmo modo que, se levarmos para o lado terminantemente social – como é o caso de nossa pesquisa – temos que eleger um determinado ponto de análise. E são esses pontos que aqui chamamos “Camadas”.

No âmbito sociocultural, por seu turno, as camadas se tornam mais numerosas. Em termos diatópicos teríamos o par rural x urbano, por exemplo; teríamos que elencar também determinada localidade, focalizando que nível de análise linguística poderíamos trabalhar, por exemplo. Em termos diastráticos, teríamos ainda mais camadas, a saber, a função, a idade, sexo/gênero/condição sexual, classe social, geração, por exemplo. E dentro de cada dimensão da variação diastrática, há ainda vários pontos que podem ser abordados – como foi o nosso caso, em que abordamos a condição sexual e a identidade de gênero dos falantes. Vemos, pois, que são muitas camadas passíveis de análise, e é por isso que um trabalho de fórum sociolinguístico precisa delimitar bem seu campo de análise.

Dessa forma, podemos perceber que as relações entre língua e sociedade, dentro das propostas de definição da sociolinguística, não são tão simples como pode ser pensado. E entender essas relações é um trabalho árduo, porém bastante instigante.

Mediante o contexto, afirmamos, ao fim e ao cabo, que entender as relações entre um falante e sua linguagem, é se despir de uma gama de preconceitos, reconhecendo nessa relação um reflexo direto da necessidade de interação verbal proveniente da natureza humana. Nesse ponto de vista, a Sociolinguística deve ser capaz de responder essas questões da melhor maneira possível. Reconhecendo, então esse contexto, podemos perceber que o dialeto Pajubá interfere de modo cabal nas manifestações de diversidade linguística, porque é um reflexo direto e constante das relações que um falante faz com a sua língua, utilizando-a como instrumento de comunicação e de autoafirmação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos, ao longo deste escrito, que uma solidificada concepção de língua natural está fortemente calcada numa percepção voltada para as relações estritas entre a produção da estrutura linguística e o contexto sociocultural, reconhecendo em ambas as instâncias uma forte marca de heterogeneidade, figurando de modo inerente e sistemático. Nessa linha de raciocínio, podemos perceber que as marcas resultantes dessa heterogeneidade se relacionam de modo intrínseco em todos os âmbitos de uma situação de interação verbal. É por isso que defendemos, nesse ângulo, uma dupla visão acerca da produção linguística e do fenômeno social: primeiro, há nesses campos de análise uma gama de relações latas, que são estabelecidas entre a língua e a sociedade que dela faz uso. Segundo, há as relações de natureza estrita, que são relações mais complexas entre os falantes de uma língua e sua inserção no contexto sociocultural.

É por isso que, na emergência de um maior entendimento dessas relações, defendemos a atuação constante e imensuravelmente valiosa da Sociolinguística, por reconhecer que essa ciência consegue reunir, desde sua gênese, os pressupostos teóricos (e também metodológicos) para a compreensão do fenômeno da produção linguística, o que, ao fim e ao cabo, contemplam e atestam de modo coerente a variação linguística. Dentro desses parâmetros, a variação linguística não deve ser encarada como um problema que contribui para o aparente caos da comunicação cotidiana. Muito pelo contrário, ela é a representação mais forte da dinamicidade e da constante evolução da interação verbal, dos usos reais que se fazem da língua; uma língua viva, rica, funcional, bem estruturada, sistemática e que dialoga substancialmente com os sujeitos falantes que dela se apropriam para sanar a necessidade da interação, da comunicação e da vida em sociedade. Assim, percebe-se que, nesse ponto de vista, a variação linguística é o reflexo mais dinâmico da necessidade de comunicação concernente à natureza humana. E não há nada de mais humano que as manifestações da língua e do fluxo social.

Disso decorre que, insistentemente enxergando nas relações entre língua(gem) e sociedade as fortes marcas da heterogeneidade, congregamos para o estudo que vislumbrou as influências da produção linguística de grupos LGBTTs nas manifestações de diversidade linguística. O dialeto Pajubá, dessa maneira, é a manifestação de uma dos diversos meios de comportamento social, nesse caso, a língua. Nesse paradigma, o Pajubá – que optamos por nomear de dialeto – é o elemento identificador dos grupos LGBTTs, além de ser uma marca de autoafirmação de sua identidade através da

linguagem. Dessa maneira, falar Pajubá é reconhecer a legitimidade dos LGBTTs e se reconhecer enquanto sujeito constituinte dessa comunidade e de sua identidade. Nesse vértice, a produção dialetal do Pajubá atende de modo cabal as necessidades comunicacionais dessas comunidades, além de ser uma representação do contexto sociocultural de seus falantes, que a todo momento quebram as barreiras do gênero, deixando de lado toda e qualquer concepção binária que, neste caso, também passa a figurar na língua.

Em relação à língua, o dialeto Pajubá adquire o mesmo caráter de legitimidade que os dialetos mais conhecidos têm, porque revela as marcas que ela demonstra juntamente com o fluxo social. É dessa forma que, dentro dos parâmetros linguísticos e socioculturais, o Pajubá figura e afirma todos os fatores intra e extralinguísticos, figurando sua influência nos fatores de natureza geográfica, de classes sociais, geracionais, mercado de trabalho, entre tantos fatores que se inter-relacionam nos fenômenos da variação linguística. Mais do que isso, o dialeto em questão reflete substancialmente a necessidade da compreensão do fenômeno linguístico e social, ao estabelecer uma ruptura das zonas fronteiriças da língua, porque forma uma grande e interligada rede de falantes que se autoafirmam através de sua linguagem.

Diante do contexto, acreditamos que a nossa proposta inicial foi alcançada. Compreendemos as influências do Pajubá nos fenômenos de diversidade linguística, além de traçar os panoramas relacionados aos nossos objetivos específicos. Nessa linha de visão, chegamos à conclusão de que na língua e na linguística não se pode fazer nenhum tipo de afirmação estanque e definitiva de fato, porque, a todo momento, emergem, da interação verbal, novas manifestações da língua, novos reflexos da dinamicidade linguística e social. E é da Sociolinguística a tarefa de conhecer essas novas manifestações, quebrando em seus domínios, as novas fronteiras que a língua(gem) pode trazer.

Por fim, tentamos nos aproximar de alguma conclusão nos remetendo de Saramago (*apud* BAGNO, 2007), que nos parece o pilar da concepção sociolinguística. No Brasil não se fala, de fato, uma Língua Portuguesa, há muitas línguas faladas em português.

ABSTRACT

Devising a natural language as a complex system of relationships within the community is restricted to placing the perception is based on the inherent heterogeneity in the context of the production of linguistic and socio-cultural context that is involved in this system. Therefore any conception built on a natural language as a system should consider all the dynamics involved in the language of the poles and society. In this bias is a matter of responsibility of Sociolinguistics systematically investigate the complex and dynamic relationship between language and society, and how is can generate reflection on the subject and the particular language speakers in a given society. In this view, language and society correspond directly with each other because they are interconnected at same point, which are the speakers. It is in this line of reasoning that this article is included: your goal is to limit the influence of dialects - known as Pajubá or Bajubá - spoken by LGBTTs communities in Brazil, as a manifestation of linguistic diversity. Therefore, we rely on a qualitative research with bibliographical support for our research. In addition, we seek theoretical bases in Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004 and 2014), Cezário and Votre (2011), Hora (2011), Lucchesi (2004), among others, this recognizes theoretical the valuable scientific material is able to guide consistent theoretical understanding of the relationship between theory and analysis of material.

Keywords: Pajubá Dialect; Sociolinguistics; Diversity; Linguistic variation.

REFERÊNCIAS

- ALCKMIN, Tânia. Sociolinguística parte I. in: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso** – por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- _____. **A língua de Eulália** – novela sociolinguística. 15 ed. São Paulo, Contexto, 2006
- _____. **Português ou Brasileiro?** Um convite à pesquisa. 6 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- _____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 43 ed. São Paulo: Loyola, 2006
- _____; STUBBS, M. GAGNÉ, G. **Língua Materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CAMACHO, Roberto. Sociolinguística parte II. in: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2007.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- COSERIU, Eugenio. **Lições de Linguística geral**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1980.
- CUNHA, Angélica Furtado da; COSTA, Antônio Marcos; MARTELOTTA, Mario Eduardo. Linguística. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- GLOSSÁRIO. <http://www.youtube.com.br>. Acesso em 21 mar 2016.
- GOELLNER, S. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. In: **Cadernos de formação RBCE**, p. 71-83, mar. 2010. Disponível em: <<http://>

www.rbceonline.org.br/revista/index.php/cadernos/article/view/984/556>. Acesso em 23 jun 2016.

HORA, Dermeval da. Sociolinguística. In: ALDRIGUE, Ana Cristina de Souza; LEITE, Jan Edson Rodrigues (Orgs.). **Linguagens: usos e reflexões**. V. 8. João Pessoa, Editora da UFPB, 2011.

_____, Dermeval da. WETZELS, Leo. A Variação Linguística e as restrições estilísticas. In : **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, p. 147-188. 1ª parte 2011.

LABOV, Willian. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. [1962].

LAU, Héilton. **A (des)informação do bajubá: fatores da linguagem da comunidade LGBT para a sociedade**. In: **Revista Temática** Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica> >, 2015. Acesso em 22 Ago 2016.

LEONORA ÁQUILA. In: **Facebook** <http://www.facebook.com/leonoraaquila>. Acesso em 21 mar 2016.

LUPA. <http://www.lupa.facom.ufpa.br/2009/pajuba>. Acesso em 21 mar 2016.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica; UFOP, 2012

OLIVEIRA Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

PELÚCIO, Larissa. Desfazendo o gênero. In: MISKOLCI, R; LEITE JÚNIOR, J. (Orgs.) **Diferenças na educação: outros aprendizados**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2002

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 2009.

WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1975].